

A Pré-História Hoje

Alberto Passos Guimarães Filho



ILUSTRAÇÃO MARIANO

Ao completar dez anos, *Ciência Hoje* já representa um patrimônio da comunidade científica brasileira e uma importante contribuição da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) à ciência e à cultura nacionais. Fora da comunidade, sua influência é também significativa. Avanços recentes, como a criação do *Jornal da Ciência Hoje* e da *Ciência Hoje das Crianças*, demonstram a vitalidade do projeto. Neste aniversário, é interessante lembrar onde e sob que condições nasceu essa idéia.

As condições que propiciaram o surgimento de *Ciência Hoje* se relacionam intimamente ao processo que fez da SBPC a maior sociedade científica do país e uma instituição que adquiriu ao longo de suas quatro décadas de existência um indiscutível prestígio na sociedade. O contingente crescente de pesquisadores brasileiros encontrou na SBPC acolhida para a apresentação de seus trabalhos e para o debate de suas questões específicas. Além disso, durante os governos militares, principalmente a partir de 1974, a comunidade científica acorre à SBPC para debater e se posicionar diante dos grandes problemas nacionais.

Naquele ano, a Assembléia da Reunião Anual da SBPC, realizada em Recife, aprova uma extensa carta enviada ao presidente da República, na qual são apresentadas propostas referentes ao ensino de ciências, à criação de parques nacionais, à defesa do meio ambiente e ao apoio à pesquisa básica. Mas são as reivindicações que tocam na distribuição da renda, na reincorporação dos pesquisadores afastados por motivos políticos, na defesa das liberdades individuais e na apuração

das denúncias de torturas que tornam o documento explosivo, vindo a ser boicotado por todos os jornais de alcance nacional.

Na reunião seguinte da SBPC, realizada em 1975, em Belo Horizonte, o acordo nuclear Brasil-Alemanha é alvo de severas críticas: as denúncias apresentadas pela Sociedade Brasileira de Física e pela SBPC ocupam as manchetes dos jornais. Um ano depois, a SBPC reúne-se em Brasília e fica evidente o seu crescimento: o número de inscrições passa de três mil para 4.800, incluindo pesquisadores, estudantes e interessados em ciência.

A reunião de 1977, programada para Fortaleza, é ameaçada pelas pressões dos órgãos de informação e acaba sendo transferida, no último momento, para a PUC de São Paulo. A sociedade civil reage em solidariedade à SBPC e a reunião se realiza com o apoio de pessoas que oferecem acomodações, de artistas que recolhem fundos vendendo quadros e de um show de música popular. A 29ª Reunião Anual transforma-se em um importante ato de resistência democrática.

Com a aproximação do fim do autoritarismo, a sociedade brasileira passa a dispor, além da Ordem dos Advogados do Brasil, da Associação Brasileira de Imprensa e da SBPC, de vários outros canais para expressão de suas aspirações. Porém, ao mesmo tempo em que aumenta o número de associados e se torna mais conhecida nacionalmente, a SBPC inicia um profundo processo de transformação que continua até os nossos dias. Essa mudança, que é a base de sua vitalidade no período atual, está ligada ao fortalecimento da SBPC nas diversas regiões do país, o que permite sua presença constante em debates, conferências e atos, até então concentrados em um grande evento anual, com apenas uma semana de duração.

O primeiro exemplo de criação de uma regional da SBPC forte e participante surgiu no Rio de Janeiro, a partir da indicação de Roberto Lent para secretário regional. Esse trabalho se amplia muito nas duas gestões

seguintes, dessa vez com Ennio Candotti como secretário regional.

A SBPC sempre teve entre as suas preocupações a divulgação científica. Alguns de seus fundadores mais ilustres contribuíram de modo significativo para a escassa biblioteca brasileira de divulgação. Entre eles, destaca-se José Reis, que por muito tempo foi diretor da revista *Ciência e Cultura* e que mantém até hoje uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*. Apesar da qualidade dos trabalhos de José Reis, de Oswaldo Frola-Pessoa e outros, já na década de 70 observava-se um descompasso entre os avanços na produção científica nacional e a limitada estante de divulgação científica. Também era indiscutível a baixa qualidade do noticiário científico veiculado pelos jornais e televisões.

Em 1978, Roberto Lent redige uma proposta para a criação de uma revista brasileira de divulgação científica, a partir de uma discussão que tivemos. Mesmo considerada por alguns meio fantasiosa, a proposta acaba despertando bastante interesse e um grupo se reúne pela primeira vez em setembro daquele ano para discuti-la. Desde as primeiras discussões, constata-se uma surpreendente convergência de opiniões sobre a filosofia que deveria orientar uma revista desse tipo: a necessidade de material científico sólido, a rejeição à mitificação da ciência e dos cientistas, o destaque do trabalho realizado no Brasil, a importância da comunicação direta entre o cientista e o público, entre outros. Depois de longas discussões, o nome *Ciência Hoje* é escolhido para o projeto.

Em fins de 1978, as discussões do grupo conduzem ao texto *Ciência Hoje — uma revista de difusão científica*, amplamente distribuído para a comunidade científica. O primeiro parágrafo anuncia a intenção do projeto: "Pretendemos realizar uma revista que sirva de canal de comunicação entre a comunidade científica brasileira e o grande público. Uma revista que mantenha uma qualidade científica elevada, garantida pelo julgamento de todos os artigos por especialistas, e que, ao mesmo tempo,

utilize uma linguagem simples e acessível.”

A revista dependeria da rede de contatos construída pela SBPC dentro da comunidade científica, mas não seria dirigida por essa sociedade. Essa forma de relacionamento se justificava pelas dificuldades que as regionais tinham na ocasião para obter recursos da SBPC nacional e também pelo fato de que a diretoria via as iniciativas regionais como divisionistas ou separatistas.

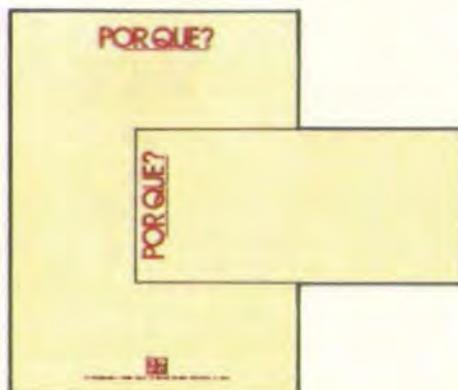
O projeto é discutido com editoras do Rio, entre elas a Civilização Brasileira, que editava na época a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. Algumas mostram interesse, mas a viabilidade do projeto editorial ainda parece remota. Com vistas à solicitação de financiamento, o projeto é apresentado à Finep, mas a agência não tinha como política apoiar periódicos. O resultado é negativo.

Por quase três anos, o projeto praticamente não avança, até que, em maio de 1980, a diretoria da SBPC decide formar uma comissão para estudar a criação de uma revista de divulgação científica. José Goldemberg, então presidente da sociedade, convida Darcy Fontoura de Almeida, José Reis, Henrique Krieger e Alberto Passos Guimarães Filho para formar a comissão. O grupo se reestrutura e realiza reuniões no Rio de Janeiro. Novamente são estabelecidos contatos com editoras, especialmente com a Nova Fronteira, cujo editor, Sebastião Lacerda, demonstrara interesse no projeto. Um modelo da revista é montado, usando-se artigos já publicados.

No início de 1982, finalmente, surgem as condições necessárias à realização do projeto. O CNPq oferece apoio e Crodowaldo Pavan, então presidente da SBPC, se entusiasma com a idéia.

Uma equipe maior é formada para a realização do projeto. Uma solicitação formal é apresentada ao CNPq, com base no texto já elaborado em 1978, contendo a filosofia da revista e uma estimativa de custos. A comissão editorial daquele conselho recomenda a concessão de dez mil cruzeiros, suficientes para a publicação do número um. A meta é lançá-lo na Reunião Anual, em princípio de julho.

Nesse período, são feitos contatos com membros da comunidade científica de todo o Brasil para o envio de artigos



destinados ao público de bancas e especialmente para a montagem do número um da revista — alguns desses artigos não vieram até hoje! De fato, essa era uma das preocupações mais constantes entre as pessoas consultadas: teria a comunidade disposição para produzir um fluxo regular de artigos de divulgação? Com a falta de tradição dessa atividade no Brasil, temia-se que a resposta fosse negativa. No entanto, os fatos vieram demonstrar que a dimensão da comunidade científica brasileira e a sua necessidade de se comunicar fora dos seus próprios limites são fatos novos que permitiam ousar com uma revista realizada exclusivamente no Brasil.

Em maio de 1982, já começa a ser montada uma pequena estrutura administrativa para gerir o projeto. É feito o primeiro contato de pessoal profissional para a equipe, mas a maior parte do trabalho é realizada com o entusiasmo de amadores. A revista seria dirigida por quatro editores, sendo indicados pela diretoria da SBPC Roberto Lent, Alberto Passos Guimarães Filho, Darcy Fontoura de Almeida e Ennio Candotti. É criado um conselho editorial com nomes de vários estados.

Realiza-se uma discussão final sobre formato, seções e até o nome da revista. Em uma surpreendente decisão, a equipe resolve que o nome "Por quê?" sintetiza melhor as indagações dos cientistas diante de seu objeto de

pesquisa. Essa decisão, que não é unânime, felizmente reverte-se pouco tempo depois, quando se descobre que "Por quê?" é uma revista publicada em São Paulo, de linha ultraconservadora. A questão é rediscutida e inicia-se uma pesquisa sobre vários nomes no Registro de Pessoas Jurídicas, entre esses *Ciência Hoje*, que afinal se impõe.

A viabilidade econômica do projeto ainda é uma incógnita, porque os esforços para garantir recursos através da publicidade encontram sérias dificuldades. Esse quadro só irá se alterar ao final de quase um ano de atividade: somam-se à natural suspeita quanto à continuidade da revista as pressões do SNI e de membros do governo que fazem ameaças aos que apóiam o nascimento da revista da SBPC. O apoio que o CNPq e também a Finep vieram a proporcionar ao projeto é ainda mais meritório nesse contexto de pressões exercidas pelo governo militar.

Em 7 de julho de 1982, na abertura da Reunião Anual da SBPC, em Campinas, é lançado o primeiro número da revista, que nasce provando que a comunidade científica brasileira já havia atingido sua maioria. Porém, como tudo mais no Brasil, a instabilidade era evidente; muitas assinaturas anuais de *Ciência Hoje* foram vendidas, embora na ocasião só existissem recursos para fazer apenas mais um número!